

## FORMAIS PRONOMINAIS DE TRATAMENTO NA PRODUÇÃO EPISTOLAR DE JOÃO PINHEIRO DA SILVA

*Pronominal forms of treatment in the letters of João Pinheiro da Silva*

*Ricardo Dias Luz\**

**RESUMO:** Neste trabalho, empreende-se análise sociopragmática do uso alternado das formas pronominais *tu* e *você* e respectivos pronomes oblíquos em cartas pessoais escritas pelo político mineiro João Pinheiro da Silva (1860-1908), entre os anos de 1868 e 1908. Levam-se em conta, na análise, as formulações teóricas de Brown e Gilman em os Pronomes do Poder e da Solidariedade (1960) e a Teoria da Polidez, idealizada por Brown e Levinson (1987). A análise mostra que as formas relacionadas ao pronome de segunda pessoa do singular são preferencialmente empregadas como estratégia de referência ao interlocutor nas cartas de cunho pessoal, íntimo e amoroso, e nas missivas endereçadas a interlocutores sobre quem o destinatário exercia algum tipo de poder, em oposição à escolha de formas relacionadas a *você*, que seriam favorecidas pela temática menos íntima das cartas e pelas propriedades cerimoniais herdadas da forma nominal *Vossa Mercê*, de que se originou, o que a tornava produtiva, também, como estratégia mitigadora de atos de ameaça à face.

**Palavras-chave:** Formas pronominais de tratamento. Sociopragmática. Cartas pessoais.

**ABSTRACT:** *This work addresses to sociopragmatics analysis on the alternated usage of the pronouns “tu” and “você” and their respective grammar forms in personal letters written by the “mineiro” politician João Pinheiro between the years 1880 and 1908, It was taken into consideration the theories from Brown and Gilman in the pronouns of power and solidarity (1960) and the Politeness theory from Brown and Levinson (1987). The analysis shows that the forms related to the second person singular pronoun are preferably employed as reference strategy of the speaker in the intimous, love and personal letters and also in the ones addressed to speakers to whom the addressee would have some power whatsoever, in opposition to choose the pronoun “você”, which would be chosen to the less intimous letters and ceremonious properties inherited from “vossa mercê”, from which was originated and that made it productive as a strategy to ease the face threatening acts, as well.*

**Keywords:** *Treatment pronouns. Sociopragmatics. Personal letters.*

---

\* Mestre em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Mariana, Minas Gerais, Brasil; ricardodias.letas@gmail.com

## Introdução

O presente trabalho visa à análise sociopragmática do emprego alternado de *tu* e *você* e respectivos pronomes oblíquos nas cartas escritas por João Pinheiro da Silva, governador de Minas Gerais entre os anos de 1906 e 1908. Pretende-se verificar a hipótese, já formulada e comprovada pelos trabalhos de Lopes *et al.* (2011), Pereira (2012) e Silva (2012), entre outros, de que o pronome original de segunda pessoa do singular e formas correlatas, em cartas pessoais escritas no final do século XIX e no início do século XX, eram mais produtivas nas missivas de temática mais íntima e amorosa, em oposição à então forma inovadora, *você*, predominantemente empregada nas cartas de teor menos íntimo.

Estudos realizados com missivas produzidas entre o último quartel do século XIX e as primeiras décadas do século XX têm demonstrado que a ocorrência pragmaticamente motivada dessa alternância teria surgido a partir da inserção de *você* no quadro pronominal do português do Brasil (PB). Segundo Lopes e Marcotulio (2011:265), no processo de mudança *vossa mercê* ~ *você*, a forma pronominal não teria perdido abruptamente os traços de deferência da forma nominal e tampouco assumido de forma definitiva propriedades pronominais. Assim, a preservação de resquícios de maior distanciamento justificaria, nas cartas pessoais escritas no período em tela, o uso híbrido de *você*, que o remetente empregava tanto como estratégia de deferência nas relações de poder, conforme proposto por Brown e Gilman (1960), quanto como estratégia de atenuação de atos de ameaça à face, conforme formulação de Brown e Levinson (1987).

As cartas que servem de base para a análise, escritas por João Pinheiro da Silva, endereçadas a diferentes destinatários, tratavam de temas distintos, que vão de cartas carinhosas à esposa, passando por recomendações e ordens a um subordinado, à que consola um amigo pela perda da esposa. Essa diversidade de temas e relações favoreceu sobremaneira a análise do uso alternado de *tu* e *você*, uma vez que tornou possível observar como o missivista lidava com as formas de tratamento do interlocutor disponíveis à época, de acordo com o destinatário e com os assuntos veiculados nas correspondências.

## 1 Pressupostos teórico-metodológicos

### 1.1 Os pronomes do poder e da solidariedade

Para a consecução dos objetivos propostos, serão adotadas as formulações teóricas de Brown e Gilman (1960), em *The pronouns of the power and solidarity*, trabalho no qual os autores vinculam o uso das formas de tratamento a duas dimensões da vida social: as dimensões de poder e de solidariedade.

Segundo Brown e Gilman (1960:255), a semântica do poder está presente nas relações estabelecidas entre pelos menos duas pessoas, e são necessariamente assimétricas, na medida em que uma não pode exercer poder sobre a outra em uma mesma área de comportamento.

Há várias formas de poder. De acordo com Brown e Gilman (1960), características como idade e riqueza podem criar uma relação assimétrica entre as pessoas, assim como outras relações a partir das quais seja possível abstrair a noção de “mais poderoso do que”, como ocorre nas interações entre pais e filhos, patrão e empregado, cliente e garçom, presentes no quadro abaixo.<sup>1</sup>

Quadro 1 – Formas de tratamento empregadas de acordo com o paradigma da semântica do poder

Cliente	Oficial	Patrão
T/V↓ ↑ V <sup>2</sup>	T/V↓ ↑ V	T/V↓ ↑ V
Garçom	Soldado	Empregado
Pai	Chefe	Irmão mais velho
T/V↓ ↑ V	T/V↓ ↑ V	T/V↓ ↑ V

<sup>1</sup> Há, ainda, relações de poder rigidamente criadas e mantidas em determinadas instituições, como na Igreja e nas Forças Armadas, nas quais o superior da T e recebe V.

<sup>2</sup> O uso dessas letras é uma convenção adotada pelos autores para indicar, em qualquer língua, as formas de tratamento formais (V) e informais (T), em referência, respectivamente, às formas latinas *vós* e *tu*.

---

Filho	Subordinado	Irmão mais novo
-------	-------------	-----------------

---

Fonte: BROWN; GILMAN, 1960, p. 260.

As relações presentes nos pares acima representam a predominância da semântica do poder, favorecida por estruturas sociais relativamente estáticas, com possibilidade reduzida de mobilidade social dos indivíduos.

De acordo com os autores, esse cenário teria perdurado até por volta do século XIX, quando a semântica da solidariedade passou a suplantá-la, processo motivado, segundo afirmam, pelo desenvolvimento de sociedades menos estratificadas.

Sobre a semântica da solidariedade, Brown e Gilman (1960) afirmam tratar-se de um conceito referente às relações solidárias e simétricas, nas quais não há diferença de poder entre os interlocutores. A natureza horizontal desse tipo de relação favorece o uso simétrico de formas de tratamento, conforme quadro abaixo.

Quadro 2 – Formas de tratamento empregadas de acordo com o paradigma da semântica da solidariedade

---

Cliente	Oficial	Patrão
V	V	V
↕	↕	↕
Garçom	Soldado	Empregado

---

Pai	Chefe	Irmão mais velho
T	T	T
↕	↕	↕
Filho	Subordinado	Irmão mais novo

---

Fonte: BROWN; GILMAN, 1960, p. 260.

Na semântica da solidariedade, conforme se observa no quadro 2, relações que *a priori* motivariam o uso de formas de tratamento assimétricas em razão da noção mais poderoso do que, segundo formulação dos autores, observável nessas díades, dão lugar a formas de tratamento simétricas: formais, nas relações menos solidárias (uso do V) e informais, nas relações mais solidárias (uso do T)

## 2 A teoria da polidez

No trabalho de 1987, *Politeness: some universals in language usage*, Brown e Levinson apresentam o que consideram ser uma ferramenta capaz de tornar possível a descrição da natureza das relações sociais no que diz respeito à polidez. De acordo com os autores, as diferentes culturas compartilham, de forma geral, determinados princípios universais no que diz respeito ao comportamento social e às estratégias de polidez, sendo variável, de acordo com eles, apenas a aplicação desses princípios.

As formulações de Brown e Levinson presentes na obra de 1987 partem da formulação de face desenvolvida por Erving Goffman (1980), definida por este autor como

o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico. Face é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados (GOFFMAN, 1980, p. 76-77)

Tomando por base o conceito em tela, *face*, no trabalho de Brown e Levinson (1987), passa a ser subdividida em face positiva e em face negativa, e a se referir à “autoimagem pública que todo membro de um grupo reivindica para si mesmo”

- Face positiva – conceito que diz respeito à projeção social de uma imagem reivindicada pelo indivíduo, incluindo o desejo de que esta autoimagem seja apreciada e aprovada socialmente.

- Face negativa – diz respeito ao território pessoal do sujeito, ao direito do indivíduo de não sofrer perturbação, de não ter suas ações cerceadas, de não sofrer imposição.

De acordo com os autores, nas interações sociais existem atos que são eminentemente ameaçadores à face dos indivíduos, tais como os pedidos, por exemplo, que invadem a privacidade do interlocutor, e as reclamações, por não respeitarem, por assim dizer, o direito do indivíduo de não sofrer perturbação.

As faces, tanto a do falante quanto a do interlocutor, estão sujeitas a quatro categorias de atos de ameaça, assim classificadas por Brown e Levinson (1987):

Atos que ameaçam a face negativa do interlocutor:

Atos que implicam comprometimento com ações futuras, exercendo alguma pressão no sujeito para cumpri-las ou rejeitá-las, como as ordens, pedidos, cobranças, ameaças.

Atos que implicam alguma ação positiva do locutor para o interlocutor, o que exerce algum tipo de pressão no interlocutor para que ele aceite-a ou rejeite-a, com a possibilidade de o interlocutor incorrer em débito, como os oferecimentos e as promessas.

Atos que indicam que o locutor deseja algo que pertence ao interlocutor, o que induz este a pensar que deve proteger aquilo que é objeto do locutor, ou ceder-lhe, como expressão de inveja ou de admiração.

Atos que ameaçam a face positiva do interlocutor

Atos que indicam, potencialmente, que o locutor não se importa com os sentimentos do seu interlocutor ou é a eles indiferente. Tais atos mostram que o locutor faz uma avaliação negativa da face positiva do seu interlocutor, ao manifestar desaprovação, críticas, provocações.

Atos que ameaçam a face negativa do locutor

- agradecimentos (o locutor admite o débito, humilhação da própria face);
- aceitação dos agradecimentos ou das desculpas do interlocutor (o locutor pode sentir-se forçado a minimizar a transgressão do interlocutor);
- desculpas;

- aceitação de ofertas (o locutor é forçado a aceitar um débito);
- reagir aos erros do interlocutor (se o locutor visivelmente nota um erro, ele pode constranger seu interlocutor. Se ele finge não fazê-lo, ele pode se frustrar);
- relutar a promessas e a ofertas (o locutor compromete-se com alguma ação futura ainda que ele não queira fazê-lo. No entanto, se essa relutância aparecer, ele pode também ofender a face positiva do interlocutor).

Atos que ameaçam a face positiva do locutor

- desculpas (o interlocutor indica que ele se arrepende de cometer um AAF prévio, ameaçando, de alguma forma, a própria face);
- aceitação de um elogio (o locutor pode sentir-se constrangido por difamar o objeto de elogio do interlocutor e, por conseguinte, ameaçar a própria face);
- esgotamento físico;
- confissões, admissão de culpa ou de responsabilidade;
- falta de controle sobre risos ou lágrimas.

Tomando por base esse quadro descritivo dos atos potencialmente ameaçadores às faces dos indivíduos, Brown e Levinson (1987) formularam estratégias que, segundo afirmam, funcionariam como atenuadoras desses atos. O emprego bem sucedido dessas estratégias no processo de interação estaria, porém, condicionado a variáveis sociológicas subjacentes à escolha. Para os autores, o falante precisa levar em conta a (i) distância social entre ele e seu interlocutor, (ii) a relação de poder estabelecida entre ambos e (iii) o grau de imposição de um ato em determinada cultura.

As estratégias formuladas por Brown e Levinson (1987) seguem abaixo.

Quadro 3 – Estratégias de polidez positiva, de polidez negativa e de polidez indireta formuladas por Brown e Levinson (1987)

<b>Estratégias de polidez positiva</b>	<b>Estratégias de polidez negativa</b>	<b>Estratégias de polidez indireta</b>
Mostre-se interessado pelo interlocutor	Seja convencionalmente indireto	Forneça pistas e sugestões indiretas
Exagere na aprovação e na simpatia pelo outro	Seja evasivo, não se comprometa	Dê chaves de associação
Intensifique o interesse pelo interlocutor	Seja pessimista	Pressuponha

Use marcadores de identidade de grupo	Minimize a imposição	Minimize a importância
Procure concordar	Mostre respeito	Exagere a importância
Evite discordância	Peça desculpas	Use tautologia
Mostre os pontos em comum	Impessoalize locutor/ interlocutor. Evite pronomes “eu” e “você”	Recorra a contradições
Pressuponha familiaridade na relação	Afirme o AAF como uma regra geral	Seja irônico
Faça oferecimentos e promessas	Nominalize	Use metáforas
Seja otimista	Seja direto, assumo o débito e ofereça compensações	Faça perguntas retóricas
Inclua o interlocutor na conversa	-----	Seja ambíguo
Dê ou peça razões	-----	Seja vago
Demonstre reciprocidade	-----	Generalize
Dê presentes	-----	Desloque o destinatário
	-----	Seja incompleto, Use a elipse

Fonte: BROWN; LEVINSON (1987)

### 3 Corpus

A amostra utilizada neste estudo é composta por 43<sup>3</sup> cartas redigidas por João Pinheiro da Silva a diferentes destinatários. Dentre essas, foram destacadas as enviadas a Helena Pinheiro, a Edmundo Lins e a Quirino Alves de Carvalho. A escolha dessas cartas deveu-se essencialmente à natureza da relação estabelecida entre o remente e os destinatários, o que favoreceu a observação do uso de formas de tratamento de acordo com a relação estabelecida entre o missivista e a esposa, o amigo e um subordinado, respectivamente.

Importante político mineiro, João Pinheiro da Silva, que também foi advogado, professor e industrial, esteve à frente do Governo de Minas por duas vezes: na primeira, nomeado interinamente, permaneceu no cargo por cerca de três meses, em 1890. Já na segunda vez como chefe do executivo mineiro, posto a que chegou por meio de eleições, entre os anos de 1906 e 1908, investiu maciçamente em educação: foi responsável por levar às escolas milhares de alunos, por meio da criação dos grupos escolares, escolas normais e jardins de infância. A prosperidade econômica e social a que chegara o Estado de Minas por meio de sua gestão rendeu-lhe prestígio e respeito em seu meio, o que o

<sup>3</sup> Disponíveis no Arquivo Público Mineiro, no Fundo João Pinheiro da Silva.

levou a ser cogitado, por políticos de Minas e de outros estados, para participar das eleições das quais saíam o nome do sucessor do então presidente da República, Afonso Pena, no quadriênio 1910/1914.

Em maio de 1908, em carta endereçada ao então Secretário de Finanças do Estado, João Bráulio Vilhena, João Pinheiro queixa-se de dores, as quais considera produto do excesso de trabalho.

(1) “A minha saude não tem | andado bôa; tambem estou | pagando excesso d. trabalho | as glandulas enfartaram d. | novo, dores d. cabeça depois | do primeiro [*sonno*], [*enfim*] | não ando bom. (Carta a João Bráulio Vilhena, em 23.05.1906)

No decorrer daquele ano, o problema nas glândulas e as dores de cabeça, diferentemente do que acreditava o Governador, revelaram-se sintomas relacionados ao *Linfoma de Hodgkins*, doença que o levaria à morte no final de 1908.

Pinheiro, na expectativa de melhorar seu quadro de saúde afastando-se do trabalho, retirou-se para Caeté-MG, onde adquirira uma chácara, mas logo retornou à capital, com o agravamento da doença. João Pinheiro foi tratado pelos melhores médicos de então, o que não foi suficiente, porém, para interromper o avanço da doença. Faleceu em Belo Horizonte, precocemente, aos 48 anos incompletos, no dia 25 de outubro de 1908.

#### 4 Análise dos dados

O levantamento das ocorrências de *tu* e *você* e formas oblíquas correspondentes apontou para os resultados dos trabalhos de Lopes *et al.* (2011), Pereira (2012) e Silva (2012), que também se debruçaram sobre material produzido no período coberto por esta pesquisa. De acordo com esses autores, o pronome original de segunda pessoa e formas correlatas eram preferencialmente empregados em correspondências de cunho pessoal e íntimo, como ocorre nas cartas de João Pinheiro endereçadas à esposa.

(2) “Se **soubesses** a | afflicção com que espero o correio | para ler as tuas cartas, me | **mandarias** menos cartões! Mas | as cartas assim pedidas não | tem valor! **Escreve** mesmo os | teos cartões! Vai dentro dous | conhecimentos d. trastes. Ha | um caixão com pedra mármore | para o [*ataque*] que **tomarás** | cuidado para não porem em | carroça, deve ser condusido | na cabeça si não quebra-si | a pedra.” (Carta a Helena Pinheiro, em 15.02.1891)

Consoante o postulado de Brown e Gilman (1960), *tu* é a forma eleita para tratamento do interlocutor nas relações simétricas, conforme se observa na relação entre o remetente a destinatária e as formas verbais de segunda pessoa presentes no fragmento.

Em carta enviada a Edmundo Lins, amigo de João Pinheiro, essas formas são, também, muito produtivas.

(3) “O teo consolo é **faseres-te** digno | do culto da memoria da santa | esposa que **tiveste**; e ella quer | que **vivas** para **amp[a]rdes** os | teos e os filhos della. Entre- | tanto, m[e]o bom amigo, só a [ridesa] | do golpe soffrido pod. explicar o teo | desanimo da vida, com os pensamentos | d. morte que vem na tua carta | e susto pela sorte d. teus filhos. | [espaço] [espaço] É sem d[u]vida d. um peso | que esmaga este sentimento do des- | moronar das co[i]sas que pareciam | mais seguras, e então estas vertigens | d. vácuo como [são] as que **sentese** se | tradusem em medos exagerados.” (Carta a Edmundo Lins, em 29 de dezembro de 1896)

Esse fragmento corrobora de maneira clara como o conceito de semântica da solidariedade, formulada por Brown e Gilman (1960), orienta o uso de formas de tratamento em função da natureza da relação entre remente e destinatário e da temática da carta, que trata da morte da esposa do destinatário. Trata-se de relação simétrica mais informal, com o uso de T.

Conforme os trabalhos de Lopes *et al.* (2011), Pereira (2012) e Silva (2012), em finais do século XIX e início do século XX, a então forma inovadora não havia perdido por completo os traços de deferência da forma nominal de que se originou e tampouco havia assumido definitivamente as propriedades do legítimo pronome de segunda pessoa do singular. Esse caráter híbrido, nos termos dos autores, favoreceu tanto a ocorrência não motivada pragmaticamente de você, caráter inovador, segundo Lopes *et al.* (2011), quanto o emprego pragmático-discursivo, em virtude da permanência de traços cerimoniosos e de deferência da forma nominal de que é produto.

Em carta endereçada à esposa, observe-se a produtividade de formas oblíquas de segunda pessoa e de formas nominais carinhosas ao lado de duas formas de você: uma com sujeito nulo, outra com sujeito preenchido.

(4) “Antes d. hontem **te** escrevi | por um cartão mandando a | chave da caixinha que o Comendador-mor | Attrayde levou com o serviço | do chá. Hontem estando | a ler deitado na cama jor- | naes e com o pensamento de / **te**-escrever, sempre **te**-escrevo na | hora d. deitar, d[or]mi sem que | o tivesse feito. Vou passar-**te** | telegrammas para que a **minha** | **negrinha** não fique afflicta; por | que eu não gosto d. saber que | a **minha negrinha** esteve afflicta. | [espaço] **Recebeu** o berço? Como é que | **você** diz que eu não lembro | do nosso

bemsinho? Tudo que | eu digo para a **minha negra** | também pertence a elle e por | isso lembrando a todo o momento | **de ti**, minha Helena, eu lem[bro] |do nosso bemsinho.” (Carta a Helena Pinheiro, em 9 de novembro de 1890)

As formas relacionadas ao paradigma de segunda pessoa bem como as formas afetuosas, como *minha negrinha* e *minha negra*, corroboram a proposição de Brown e Gilman (1960) no que respeita às relações travadas no âmbito da semântica da solidariedade, o que torna a ocorrência de *você*, em tese, destoante, neste contexto.

Tomando por base os resultados dos trabalhos de xxx, segundo os quais essa forma mantinha resquícios da semântica de distanciamento e de cortesia de *Vossa Mercê*, no período em que as cartas em análise foram escritas, pode-se afirmar que, credenciada por essas propriedades, a forma foi empregada por João Pinheiro como uma estratégia de atenuação da cobrança de explicações por parte da esposa, que, pelo o que se pode inferir, o teria acusado, em correspondência anterior, de não se importar com o filho do casal.

(5) **Recebeu** o berço? Como é que | **você** diz que eu não lembro | do nosso bemsinho? Tudo que | eu digo para a **minha negra** | também pertence a elle e por | isso lembrando a todo o momento | **de ti**, minha Helena, eu lem[bro] |do nosso bemsinho.” (Carta a Helena Pinheiro, em 9 de novembro de 1890)

Na Teria da Polidez, formulada por Brown e Levinson (1987), as cobranças ameaçam à face negativa do interlocutor por que o comprometem com alguma ação futura, como ocorre no excerto em análise: João Pinheiro coloca Helena em um cenário que exige explicação por parte dela, limitando a liberdade de ação da interlocutora. Visando atenuar a ameaça à face da esposa, João Pinheiro opta pela forma *você* como estratégia de polidez negativa do tipo “minimize a imposição/mostre respeito”, que, conforme foi dito, preservava, à época, resquícios de cerimônia e de indiretividade herdados de *Vossa Mercê*.

Diferentemente do que ocorre nas cartas enviadas a Helena e a Edmundo, em que a ocorrência de *tu* evidencia a natureza horizontal da relação de João Pinheiro com os destinatários, a presença dessa forma pronominal nas cartas enviadas a Quirino Alves de Carvalho, gerente de *O Movimento*<sup>4</sup>, com quem João Pinheiro mantinha uma relação assimétrica (*patrão x empregado*), converge para o postulado de Brown e Gilman (1960)

---

<sup>4</sup> Jornal Republicano que tinha João Pinheiro como fundador e administrador, ao lado de outras personalidades envolvidas com a questão Republicana.

sobre a semântica do poder, segundo a qual nesse tipo de relação o superior tem a prerrogativa de empregar tanto a forma mais íntima, informal, quanto a cerimoniosa.

(49) “É preciso que **te não descuides** e | 3ª feira mesmo, dia em [que] **recebe- | rás** esta, **procures** o Barcellos, | o *Doutor* Ferreira [e] Costa, o *Doutor* Theo- | philo e o *Doutor* Cypriano para in- | cumbirem o “Movimento” do for- | necimento do material para o ex- | pediente do anno futuro. Por que | a compra da machina Lyberty | que custou muito caro foi feita | para o fim de dentro do proprio | estado se poder fazer semelha[n]te | fornecimento para exped[i]ente. | [espaço] Quanto ao Thesouro do Estado | **fale** ao Augusto d. Lima para | se entender com [o] *Doutor* Augustinho | Carneiro que eu não conheço | pessoalmente e nem sei que | relações **você** mantem com o | mesmo: **não descuides disto**. (Carta endereçada a Quirino, em 25 de outubro de 1891)

As ordens são atos intrinsecamente ameaçadores à face negativa do interlocutor, como descrito no quadro teórico da Teoria da Polidez, de Brown e Levinson (1987), pois o comprometem com alguma ação futura. Ameaças dessa natureza, segundo os autores, podem ser atenuadas com as estratégias de polidez negativa, caso haja interesse nessa compensação.

Partindo dessa formulação, a ocorrência de ordens na carta endereçada ao gerente de *O Movimento* poderia vir acompanhada de alguma estratégia com vistas à preservação da face do destinatário. João Pinheiro, porém, opta pelo tratamento mais informal, íntimo, comportamento previsto e legitimado nas relações pautadas pela semântica da poder, conforme postulam Brown e Gilman (1960).

O trecho em que João Pinheiro pede a Quirino que fale ao “*Augusto d. Lima para se entender com [o] Doutor Augustinho Carneiro que eu não conheço | pessoalmente e nem sei que | relações você mantem com o | mesmo*” é o único em que João Pinheiro faz um movimento no sentido de preservar a face do destinatário. Ao levantar suspeita sobre o tipo de relação estabelecida entre Quirino e Dr. Augustinho, João Pinheiro ameaça a face positiva do interlocutor, definida por Brown e Levinson (1987) como a projeção social de uma imagem reivindicada por um indivíduo. Para minimizar a ameaça à face do destinatário, o remetente emprega *você* como estratégia de polidez positiva.

### Considerações finais

A partir da breve análise de parte das cartas escritas por João Pinheiro, é possível fazer algumas constatações sobre o uso motivado sociopragmaticamente de *tu* e *você*.

As ocorrências das formas em análise nas cartas selecionadas para este trabalho convergem para os resultados obtidos pelos trabalhos que desenvolveram estudos a partir de cartas pessoais escritas entre o final do século XIX e o início do século XX, com a predominância de *tu* em cartas de cunho pessoal e íntimo e a então forma inovadora, *você*, desempenhando função de estratégia de atenuação de atos de ameaça à face do interlocutor, devido aos resquícios de cerimônia e indiretividade herdados.

A produtividade de *tu* tanto em carta à esposa quanto em carta a um subordinado, mostra a habilidade do missivista no emprego de formas de tratamento disponíveis à época para referir-se a destinatários com quem mantinha relações de natureza diversa. Na correspondência endereçada à Helena e a Edmundo Lins, cartas íntimas e de cunho pessoal, João Pinheiro emprega livremente o legítimo pronome de segunda. Na carta enviada a Quirino, também há ocorrências da mesma forma pronominal, porém, com motivação pragmática distinta, qual seja, marcar o lugar do outro na relação de *patrão x empregado*. Conforme foi demonstrado acima, com Brown e Gilman (1960), este emprego é facultado ao superior nas relações assimétricas.

## Referências

BARBOSA, Francisco de Assis. *João Pinheiro: documentário sobre a sua vida*. Publicações do Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte, 1966.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BROWN, R; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T. A. *Style in Language*. Massachusetts: Ed. MIT PRESS, 1960. p. 252-281.

BROWN, P; LEVINSON, S. *Politeness: some universal in language usage*. Cambridge: Cambridge University, 1987.

GOFFMAN, Erving. (1980). A Elaboração da face - Uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

LOPES, Célia Regina dos Santos; RUMEU, Márcia Cristina Brito; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. O tratamento em bilhetes amorosos no início do século XX: do condicionamento estrutural ao sociopragmático. In: COUTO, Leticia Rebollo; LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. 1 ed. Niterói: Editora da UFF, 2011. p. 315-348.

PEREIRA, Rachel de Oliveira. *O tratamento em cartas amorosas da Família Penna: um estudo diacrônico*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012).

SILVA, Paula Fernandes. *O tratamento no início do século XX: uma análise sociopragmática das cartas da família Land Avellar*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012).